o caminho do desejo:
a verdade tem estrutura de ficção

MARIA NAZARETH PLENTZ

JACQUES Lacan, em um certo momento de seu ensino, diz àqueles que eram seus discípulos: "Vocês podem se dizer lacanianos. Quanto a mim sou freudiano." Marcava assim seu lugar em uma transmissão que empreenderia a partir dos anos cinqüenta, sob a égide do retorno a Freud.

Tomando como referência o título — a verdade tem estrutura de ficção, escolhi para esta conversa não um texto teórico, mas uma história.

Assim, para colocar em cena Jacques Lacan, retomo um momento histórico, inaugural na psicanálise, que tem como palco Viena, 1880. É aí que a psicanálise começa, e pela boca de uma mulher. Na obra conjunta de Breuer e Freud que se intitula *Estudos sobre a histeria*, é-nos apresentado um caso clínico de uma jovem judia de 21 anos.

Dela nos dizem ser dotada de grande inteligência. Apreende as coisas com impressionante rapidez. Tem dotes poéticos, é escritora. Os autores comentam: o elemento da sexualidade é surpreendentemente não desenvolvido nela. Até aquele momento nunca se apaixonara e embora cheia de vitalidade intelectual levava uma vida monótona no meio de uma família puritana.

Como embeleza sua vida? Bem, entrega-se a devaneios sistemáticos que chama de "seu teatro privado". Vive contos de fada em sua imaginação. Na realidade da vida não quer o homem. O príncipe encantado povoa seu sonho de histérica. O amor inventado dá conta dos tropeços da vida. Assim dribla o real, ou melhor, tenta como pode.

Aparentemente nada de anormal na vida desta mulher do sec XIX, Bertha Pappeheim, que na história da psicanálise ganhou um nome outro: Anna O.

Mas a fantasia se quebra quando acontece a morte do pai. A jovem adoece, seu corpo de mulher se inscreve como um sintoma. Como esse corpo fala?

Primeiro, uma tosse que não a deixa, seguida de um acentuado desejo de repouso durante a tarde; um sono que insiste, seguido às vezes de um estado de excitação. Em seguida,

surgem perturbações mais graves: intensa dor de cabeça, estrabismo, perturbações de visão, sintomas seguidos de paralisia.

Dr. Joseph Breuer é um médico conceituado de Viena. Tem uma grande clínica, é reconhecida sua competência; mais que isso, é serio, confiável, marido e pai exemplar, a quem se confidenciava não só os males do corpo, mas os "segredos de alcova" ou os descaminhos do amor.

O que é um médico? É aquele que sabe do que se trata. É um mestre de quem se demanda a cura do corpo. Ele sabe que isto quer dizer aquilo, que para tal dor, tal remédio. A ele se diz: dê um jeito, quero estar inteiro de novo; ou: você aí, livre-me da morte!

Não é assim, no entanto, que essa jovem cliente chega. Há na demanda, no deslocamento metonímico da linguagem, um outro pedido, há um desejo: o de saber disso. Ela quer saber o que a faz adoecer, o sentido de seu sintoma.

Breuer percebe, daí a homenagem que lhe presto ao citá-lo, que algo mais além da terapêutica usual é preciso; e é a própria Bertha, como histérica que é, que diz ao mestre o que fazer: cure-me pela palavra, me deixe falar!

Ela aponta sem saber a existência de um outro saber que lhe é velado e que intui como causa de seus males.

Vem assim à luz a primeira percepção da existência do que Freud chamaria de inconsciente, que articularia como um lugar topográfico, reservatório da libido e que mais tarde Lacan representaria com seu aforismo: o inconsciente é estruturado como uma linguagem; em seu seminário VII sobre a ética da psicanálise, diria: o inconsciente é a memória do que se esquece.

Anna O. faz seu tratamento, fala de seu mito individual, seu romance familiar. Breuer tenta estabelecer entre as lembranças que brotam uma relação de causa e efeito. A eficácia simbólica é patente, há uma melhora, uma terapêutica. Método catártico, assim se chamou.

No entanto, como necessária e mola do processo analítico, a transferência se instala, a jovem que nunca se apaixonara se enamora pelo mestre e ele aí se embaraça. Não sabe como operar aí, não sabe como lidar com esse amor insensato.

Dr. Breuer foge! Encerra o tratamento, mas fora "laçado" pela causa!

Intriga-o o poder da palavra. Intui que sem que ele o quisesse algo se apresentara a ele, alguma coisa de inédita e fascinante.

Então um novo personagem entra neste palco. É ele Sigmund Freud, um jovem médico brilhante que optara pela neurologia. Vem de uma família de classe média judia, com valores religiosos bem definidos. Nascera em Freiberg, na Morávia, em seis de maio de 1856, e aos quatro anos vai junto com a família residir em Viena. Morreria em Londres, onde se refugiara, fugindo da perseguição nazista, quando da anexação da Áustria à Alemanha em junho de 1938, aos oitenta e três anos, no dia vinte e três de setembro de 1939.

É a este jovem médico de quem é amigo que Breuer relata sua experiência com esta cliente singular, uma talentosa em sua relação ao inconsciente.

Freud, que estivera em Paris como bolsista no hospital de Salpêtriere, comenta com seu mestre Charcot o acontecido, ele não se interessa. Freud prossegue, observa que em seu consultório recém-inaugurado desfilam uma série de Annas O. Abandona a hipnose, a teoria da catarse como liberação de afetos estrangulados. Liberta a palavra, deixa que a associação livre se encarregue da lógica que rege o inconsciente. Não é mais seu mestre, mas aquele que se oferece para escutá-lo. Surgia a psicanálise como teoria e como praxis. Institui o uso do divã. Fora do campo do olhar o imaginário floresce, olha para uma outra cena e o romance de cada um se revela em sua particularidade.

Freud escuta, interfere, pesquisa e escreve, minuciosa e disciplinadamente, o que recolhe e que vem dar corpo teórico às suas hipóteses. A clínica é também laboratório, ele perscruta, com audácia interroga o outro que existe nele e por sua vez fala a um Outro Fliess, que foi aquele que ocupou o lugar do analista, o depositário do novo saber.

Assim, vai surgindo numa Viena burguesa um novo olhar para o sofrimento do homem, para a loucura. A revelação de que os sonhos não são profecias mas realização de desejos inconscientes, e o grande escândalo: a afirmação da existência da sexualidade polimorfa infantil; mais ainda: o ser humano não é o centro da criação, ele é assujeitado ao determinismo do inconsciente, golpe mortal no narcisismo. A teoria do trauma também sofre uma virada, a sedução sexual, causa do adoecer, vista antes como fato concreto da realidade, pertence ao reino do imaginário, é uma realidade psíquica. Freud a nomeia lembrança encobridora, feita à medida para velar a impossibilidade estrutural no homem de achar a felicidade total, a satisfação plena de seu encontro com o objeto de seu desejo. Uma maneira de atribuir ao outro o que se costuma chamar fracassos da vida.

Surge a teoria das pulsões, novas articulações, acréscimos, retomadas. A psicanálise sobrevive ao fascismo.

Quase no fim de sua vida, em 1937, Freud escreve um dos seus textos mais importantes, "Análise terminável e interminável". Nele marca um final de análise possível para homens e mulheres: o rochedo da castração. Frente ao irredutível de uma falta estrutural do sujeito, duas posições finais: para a mulher uma eterna inveja do pênis, para o homem a reivindicação viril. Com isso a manutenção de um pai garantidor, pai imaginário; em última instância, Deus, o Outro supremo.

Lacan proporá um mais além.

Jacques Marie Emile Lacan chega ao mundo quando Freud está completando 45 anos. Nasce em Paris em 13 de Abril de 1901. Pertence a uma família de classe média, da burguesia francesa e da qual se revela: a religião católica para essa família constitui um grande valor íntimo. Nela é educado o jovem Jacques Marie Lacan.

À semelhança de Freud, estuda medicina; passa pela neurologia, opta pela psiquiatria. É aluno brilhante, abocanha prêmios de excelência. Gosta da alegre vida parisiense e freqüenta a elite cultural; na juventude abandona o catolicismo, mas se casa numa igreja católica e batiza seus filhos.

Formado, vai trabalhar como residente na enfermaria da chefatura policial, no hospital Sainte'Anne, destino para onde eram levados os "indivíduos perigosos". É aluno de De Clérambaut, a quem chamará mais tarde seu grande mestre.

Sua entrada na psicanálise dá-se em 1932, com sua tese *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade.*

É no serviço do hospital Sainté'Anne que trava conhecimento com aquela a quem chamaria de Aimée: o caso Aimée.

A cena real acontece na entrada de um teatro em Paris. Encena-se uma peça: "Tout va bien". Ironicamente a França mergulha em grave crise econômica, há um avanço progressivo de grupos de estrema direita.

Uma mulher entra no teatro, tira uma faca da bolsa e tenta esfaquear a atriz principal. A louca é enviada à prisão de Saint Lazare. Lá, mergulha em um delírio em que acusa sua vítima de querer roubar-lhe o filho. Recebe como diagnóstico "delírio sistemático de perseguição à base de interpretação com tendências megalomaníacas e substrato erotomaníaco".[1]

A imprensa se ocupa do crime, há comoção geral. Formam-se opiniões, forjam-se toda uma série de hipóteses. É o momento de explosão do surrealismo na França. Salvador

[1] Jacques Lacan. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, p.199.

Dali e seus companheiros defendem a tese de que a "loucura é vizinha da verdade. O delírio já é uma interpretação da realidade e toda a paranóia uma atividade criadora lógica."[2]

Duas correntes se ocupam da loucura: a psiquiatria clássica, sob o ângulo de uma concepção constitucionalista da psicose, estabelece normas e medidas repressivas. De outro lado, entre os intelectuais, discute-se a hipótese de que a loucura seria um ato de criação da linguagem; ligada a um outro cenário, é em parte intencional.

É neste contexto que Lacan escreve e publica sua tese de medicina. Abandona as regras impostas pela academia, usa a linguagem literária, poética, explora a escritura de sua heroína, bem ao gosto do surrealismo.

Assim, Lacan entra na psicanálise pela psicose e sacode o torpor que se apossara da Sociedade Internacional de Psicanálise, I.P.A., fundada por Freud. "Turbilhonará" a Sociedade, dela será expulso, excomungado, acusado de profanar a verdade freudiana. É amado e odiado, a favor dele e contra ele criam-se mitos e lendas. Produz, na época de seu ensino, o mesmo efeito de fascínio e horror que Freud produzira quando inventara a psicanálise; desperta os que dormiam apaziguados, não sem conseqüências.

Sistematicamente, ao logo de seminários semanais com grande público, se debruça sobre o texto freudiano; descobre nuances, completa lacunas, insiste rigoroso nas distorções que resultam de traduções equivocadas. Contesta a idéia de uma estrutura topográfica, alerta que o inconsciente não é o contrário do consciente, que não está no profundo mas na exterioridade no discurso do sujeito. Formaliza a estrutura do ser falante como dividido pelo significante, chamado representação por Freud. Assim o homem é um exilado de si mesmo. Toma como apoio a obra de Freud; pela *Psicopatologia da vida cotidiana* sustenta que o homem diz mais do que pensa dizer que há uma cadeia associativa que o determina, que suas ações na vida, suas escolhas, não lhe pertencem.

Ele é assujeitado, capturado no que chama de fantasma, uma construção imaginária entre o sujeito e o objeto que, sendo inapreensível, é imaginarizado, arremedo de um encontro com o impossível, fonte da angústia que habita a vida humana.

Tentei dar-lhes um *flash* dessa vida que completaria 100 anos e do que lhe antecedeu e do que sustentou depois de Freud. Concluindo, retomo o início da história: o retorno a Freud.

Ao longo da minha escrita fui percebendo elos interessantes na vida destes dois sujeitos. Ambos vêm de famílias

[2] Elizabeth Rodinesco. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história e um sistema de pensamento*, p.47.

burguesas que têm com a religião uma relação que marca suas vidas. Um judeu, outro católico: a influência do Deus pai é fundante em suas articulações teóricas. Ambos se casam com mulheres cujos pais têm posição social diferenciada; mulheres para serem boas esposas e mães.

Escolhem a medicina e passam pela neurologia. Freud toma como objeto inicial a neurose; aborda-a pela via médica, usa como instrumento de raciocínio modelos da física, bem de acordo com a ciência. Lacan começa voltando seu olhar para a psicose, o delírio paranóico pela via literária; sua tese de medicina é romanceada, bem ao gosto da época. São os escritores, nesta Paris imersa numa efervescência cultural no entre-guerras, que o fazem ser notado. Só mais tarde os psicanalistas da época viriam a tomar conhecimento do "bom estrago" que Lacan fazia em seus sonos. Seu instrumento de manejo é a linguagem, a palavra em sua possibilidade de metáfora e metonímia. Freud usou condensação e deslocamento.

Um aspecto me parece fascinante: Freud procura o aval de Charcot quando relata para ele o caso Anna O. Lacan escreve a Freud, manda-lhe seu caso Aimée. Nos dois casos os mestres não se interessam, o pai não responde. Freud e Lacan prosseguem, além do pai, sem a sua garantia.

Freud chama sua heroína Anna; nome da irmã amada e que também seria o da filha amada: Anna Freud. Lacan chama-a Aimée: amada.

Não é esta uma linda história de amor?



referências bibliográficas

Breuer, J., Freud, S. *Estudos sobre a histeria.* Obras completas, volume II. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Jones, E. *Vida e obra de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1989.

Lacan, Jacques. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

Teicher, Irene, y otros. *Anna O. Cien años déspues.* Colecion los casos clinicos del psicanalisis. Buenos Aires: Actualidad Psicologica, 1983.

Rodinesco, Elizabeth. *História da Psicanálise na França.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Rodinesco, Elizabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história e um sistema de pensamento.* Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.